



MARION
ZIMMER
BRADLEY

e DIANA L. PAXSON

A ESPADA DE AVALON

O ÚLTIMO LIVRO DO CICLO DE AVALON



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MARION ZIMMER BRADLEY

e DIANA L. PAXSON

A ESPADA DE AVALON



Planeta minotauro

Tradução

Marina Della Valle



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © The Marion Zimmer Bradley Literary Trust Works e Diana L. Paxson, 2009
Publicado mediante acordo com a autora por meio da Baror International, Inc., Armonk,
Nova York, Estados Unidos.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Marina Della Valle, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *Sword of Avalon*

Preparação: Ligia Alves

Revisão: Caroline Silva e Carmen Costa

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Capa: Fabio Oliveira

Ilustração de capa: Amanda Brotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bradley, Marion Zimmer

A espada de Avalon / Marion Zimmer Bradley, Diana L.
Paxson; tradução de Marina Della Valle. – São Paulo: Planeta do
Brasil, 2025.
384 p.

ISBN 978-85-422-3650-7

Título original: *Sword of Avalon*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Paxson, Diana L. III. Valle,
Marina Della

25-1773

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável de florestas do
mundo, e outras fontes controladas

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4ª andar

Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PRÓLOGO

Morgana fala:

dizem que os velhos dormem pouco, como se não tivessem necessidade de descansar, com o sono final do corpo tão perto. Seja a idade ou o peso da memória o que me mantém acordada, à noite meu sono é interrompido, e me levanto cedo.

Esta manhã saí da cama sem acordar minhas aias para caminhar pelo lago bem naquela hora enevoadada entre a escuridão e o amanhecer, quando os pássaros cantam sua promessa de que a luz vai retornar. Quando os primeiros raios do sol cintilaram através das nuvens, um brilho atravessou as águas, e por um momento vi a forma brilhante da Espada.

O tempo convergiu em torno de mim, e mais uma vez estava na Barca Sagrada de Avalon, e Artur jazia moribundo em meus braços. Lancelote lançou Excalibur no lago e eu a vi ser recebida pela Senhora. Minha respiração parou enquanto esperava para ver se a mão Dela reapareceria, devolvendo a Espada das profundezas para escolher um novo rei para salvar a Britânia.

As visões se seguiam, mas o que eu via era fogo — o metal primeiro forjado nos fogos do céu, aclamado como objeto de poder pelo povo que vivia no calcário antes mesmo que um druida ou adepto das ilhas afundadas viesse para estas praias. Vi os fogos de uma forja na qual um mestre ferreiro, fugindo da condenação de seu povo, tinha feito uma espada própria para a mão de um rei. Escondida e renovada, quebrada e forjada novamente, na hora de mais necessidade da Britânia, havia retornado para trazer a vitória.

Olhei, e uma visão que desanuviava me mostrou a superfície do lago de novo, cinza e imóvel. Então chorei, e até mesmo essa imagem se toldou. O povo moreno das colinas que fora o guardião da Espada desaparecera. Água, não fogo, escondia a espada empunhada por Artur, e não havia rei da linha ancestral para invocá-la novamente. O brilho que tinha visto fora o salto de um peixe, nada mais.

E, no entanto, quando comecei a andar novamente, percebi que as lágrimas em meus olhos não eram de desespero. Quando Excalibur foi para o lago, eu sabia que era o fim de uma Era, a perda de tudo que tinha amado.

E, porém, atrás de seu véu de brumas, Avalon permanece. O aço das estrelas só foi metal quando a habilidade de um ferreiro e a paixão de uma sacerdotisa lhe deram alma. O que fizeram naqueles dias, quando o mundo que conheciam parecia condenado, pode ser feito de novo se a Senhora da Forja tomar de novo seu martelo.

A Espada se foi, mas a esperança não morre.

Um

Fogo.

O FÉDOR ACRE DE COLMO QUEIMADO IRRITA A GARGANTA; então a fumaça a faz tossir, o pânico despertando ao longo dos membros enquanto a luz vermelha bruxuleia pelo chão. Ela agarra a criança adormecida. A pele é puxada da porta. Adiante, ela vê figuras e o brilho de lâminas.

Uma mulher grita com uma intensidade aguda que se ergue sobre os choques de armas de bronze e os gritos de batalha. O grito é dela mesma, e no entanto o eu que sabe disso de alguma forma está separado do hálito quente das chamas. O bebê tosse e se debate, membros fortes, espírito forte lutando para sobreviver. Uma viga do telhado desaba através da porta, e ela geme, tomada por uma angústia acima da dor do corpo. Ela olha através das chamas, buscando uma saída, e rostos inimigos olham de volta com malícia. Ela se encolhe e cai no chão, a fumaça roubando sua respiração enquanto um grito separa a alma do sentido: “Assim morre o Filho de Cem Reis!”.

E a consciência gira para fora — ela vê os telhados de colmo do recinto real caindo enquanto o fogo se espalha; os chifres de touro colocados sobre o grande portão desabam. Corpos de guerreiros, nus em pelo do sono, jazem espalhados pelo chão sangrento enquanto inimigos empilham o saque de caldeirões de bronze, tecidos finos, copos e ornamentos de ouro.

O tempo acelera, e a madeira chamuscada de Azan-Ylir se transforma em montes encharcados que logo estão cobertos de verde. Mas as chamas se espalham, e os ai-giru, os ai-ilf, os ai-utu, e então os ai-akhsi e os ai-ushen e até mesmo os ai-siwanet, bem ao norte, são engolfados pelas chamas. As tribos da Ilha dos Poderosos se engalfinham como cães famintos enquanto as gerações

passam. E, quando os navios com velas pintadas se aproximam dos penhascos brancos da ilha, não há ninguém para enfrentar os guerreiros de cabelos claros que saltam na areia, as vestes listradas e xadrezes girando em torno dos joelhos. Eles tumultuam a terra, queimando o que as guerras anteriores haviam deixado, e as músicas, as artes, a sabedoria das Sete Tribos parecem jamais ter existido.

“Deusa, o que pode nos salvar?”, seu espírito grita.

E em resposta ela ouve um chamado: “Das estrelas virá a Espada do Rei!”.

— Senhora, está doente? Qual o problema?

Tremendo, Anderle abriu os olhos. Kiri estava curvada sobre ela, o velho rosto vincado de preocupação. Havia fumaça no ar, mas trazia o cheiro distinto de carvão em chamas, não de colmo... não o cheiro de carne assando. Ela prendeu a respiração, fixando o olhar no teto manchado de fuligem da forja da Ilha da Donzela, e árvores e a luz do sol no pico verde do Tor.

O verão por fim chegara às terras pantanosas. No momento, as nuvens tinham se retirado, e todas as coisas vivas tiravam o melhor da luz de Manoah. Uma maré exultante de verde sufocava os cursos da água e pendia sobre as lagoas; insetos zumbiam no ar úmido.

— Sente-se, minha senhora — ralhou Kiri, ajudando-a a ir até o banco do lado aberto da cabana, onde uma brisa leve vinha da direção do mar. — A senhora desmaiou com o calor do dia e da forja.

Kiri olhou com ar acusatório para o ferreiro.

— Não me culpe. — Ele franziu o cenho. — Ela sabe que não deve se curvar sobre o fogo.

O sacerdote ferreiro usava apenas uma tanga debaixo do avental pesado de couro. Anderle desejou poder fazer o mesmo, mas os drapeados da grã-sacerdotisa eram um símbolo de sua dignidade, e a velha Kiri, que a servia desde pequena, não a deixaria sair do Tor sem o véu de linho fino.

— A senhora gritou — disse a pequena Ellet, abanando-a. — Achei que tivesse se queimado.

— Estou bem! Estava vendo... imagens... nas chamas.

— Foi uma visão, senhora?

Os olhos azuis de Ellet se arregalaram. Seu cabelo castanho era fino e inclinado a escapar da trança, formando uma penugem ao redor do rosto dela como as penas de um pássaro jovem.

— Deusa, espero que não! — Anderle exclamou. — Azan-Ylir queimava. Foram todos mortos, incluindo o filho de Irnana.

Ela puxou uma mecha de cabelo escuro pesado para trás e suspirou. Ela e Irnana eram ambas descendentes da velha linhagem que tinha dado tantos sacerdotes e sacerdotisas para governar Avalon, mas a prima herdara a altura e o cabelo ruivo da família, enquanto Anderle se parecia mais com o povo esguio e moreno da Vila do Lago, ou talvez, como dizia a lenda, o povo daquele Além-Mundo que estava a um piscar de olhos do nosso.

Os lábios de Kiri se afinaram. Sempre houve ataques de um lado e de outro entre as tribos e clãs da Ilha dos Poderosos, mas no último ano a situação havia ficado pior. As velhas sacerdotisas falavam de um tempo em que o clima era mais quente, mas as chuvas vinham com mais frequência a cada ano, e as enchentes permaneciam por mais tempo, transformando cada pedaço de terra alta do vale em ilha. Os homens murmuravam que chegaria um dia em que poderia não existir verão. E o Touro de Azan que liderava os guerreiros da tribo era velho, seus filhos adultos mortos na batalha em que o filho da irmã, que deveria ter sido seu herdeiro, também morrera. Ele tinha tomado Irnana como esposa três anos antes. Mikantor era o único filho deles.

— Não tivemos nenhum aviso... — disse Eran, franzindo a testa.

— Os campos tinham restolho... — Anderle disse lentamente. — Isso foi no fim do verão, quando a colheita do feno foi feita...

— Foi uma fantasia trazida pelo calor! — proclamou Kiri.

Anderle suspirou. Ela estava cercada de pessoas que a conheciam desde a infância, já designada como herdeira pela palavra da avó e o desejo das estrelas. Colocara os ornamentos da grã-sacerdotisa pela primeira vez quando os seios mal tinham se desenvolvido. Era de esperar que a tratassem como um ícone e não como uma adulta com vontade própria. Mas agora ela tinha dezoito anos, e esperava uma criança. Colocou a palma da mão sobre a barriga inchada. Talvez quando a vissem com um bebê no peito percebessem que era uma mulher adulta.

— Beba essa água agora, meu amor, e deixe o medo baixar. Pensar muito em coisas assim não faz bem para a senhora nem para a criança.

Talvez, pensou Anderle, bebendo do copo de madeira de olmo. Ou talvez tenha sido um aviso. Aterrorizante como fora a visão era o choro que a assombrava. A perda de qualquer criança era uma tragédia; a morte do filho da prima seria uma tristeza pessoal. Mas a Voz havia lamentado Mikantor como algo maior, como o herdeiro de uma linha real que viera para a Ilha dos Poderosos das Terras Afundadas do outro lado do mar. Ela não poderia evitar ataques tribais, mesmo quando ameaçavam aqueles que lhe eram queridos, mas salvaguardar aquela herança era certamente parte de sua obrigação como Senhora de Avalon.

— Descanse agora, minha pequena, e vamos mandar vir uma liteira para levá-la de volta ao Tor...

Anderle assentiu e puxou o véu, grata agora por sua proteção. Melhor que Kiri acreditasse que estava cansada do que se começasse a perguntar por que Anderle ainda franzia o cenho.

Anderle se encolheu conforme a paisagem de sua visão surgiu em vista. Estavam passando pela abertura na cerca de pedras que serpenteava pela beira da colina. Diante dela, os campos de Azan brilhavam com o dourado do restolho da colheita. À direita, uma fila de montes funerários seguia em paralelo à estrada. À esquerda erguiam-se as pedras nuas do grande Henge. O caminho descia para cruzar o leito raso que os aman haviam cavado na planície, com as terras do clã atrás. Ela se esquecera de que as plantações na planície amadureciam mais cedo do que nos pântanos em torno de Avalon.

Durrin chegou ao lado dela, sobranceiras claras unidas de preocupação.

— Não é nada. A criança me chutou — ela disse rapidamente.

— Você não deveria ter caminhado para tão longe — ele disse, censurando.

Quando sacerdotes e sacerdotisas se deitavam juntos no Grande Rito, não deveriam se recordar de quem tinham sido os mortais carregando o poder dos deuses, mas todos sabiam que Durrin havia gerado o bebê que agora se agitava no útero dela, e ele estava inclinado a se comportar como se fosse marido dela, além de pai da criança.

— Queria que eu balançasse na liteira por todas aquelas milhas? Ou sacudisse em uma das carruagens do rei Uldan? Andar é mais fácil, garanto.

Anderle suprimiu a vontade de explodir com ele. Ele a teria perdoado. Todos diziam que mulheres grávidas sempre ficavam sem paciência. Mas ela era a Senhora de Avalon, e precisava estar além de tal fragilidade.

— Em sua condição, queria que tivesse ficado no Tor — ele respondeu, a pele clara se avermelhando — e que não tivesse feito essa viagem.

Ele não estava sozinho nisso, ela pensou com um suspiro. Quando anunciou sua intenção de visitar a prima em Azan, todos, da velha Kiri em diante, haviam tagarelado objeções. Kiri era velha demais para viajar para tão longe, mas tinha enviado Ellet, que era totalmente devotada, ainda que um pouco ingênua, como substituta. Anderle se preparara para aguentar a solicitude. Conhecia Irnana, e conhecia o velho rei. Eles não teriam dado ouvidos a um mensageiro. Iriam *escutá-la*? Se não escutassem,

talvez pudesse persuadir a irmã de Uldan, a rainha. Guerra era negócio de homens, mas a rainha era a autoridade final.

— Bem, logo estaremos lá. — Durrin controlou a própria irritação e lhe deu o sorriso que sempre enchia o coração dela.

Os deuses o tinham abençoado com uma beleza além do comum. Ela esperava que o filho dos dois puxasse a ele.

Doce com a distância, ouviram o chamado de uma corneta. Havia sido vistos, e em pouco tempo a gente da prima a receberia com algo fresco para beber e um lugar macio para sentar. Apesar de suas palavras orgulhosas para Durrin, a dor nas costas dela agora era constante. O caminho levava até a área real, um recinto cercado por um fosso com um barranco e uma paliçada. Homens vieram correndo pelo caminho que vinha dos campos para os portões menores. Os cones de colmo de várias casas redondas apareciam sobre as cercas, e o arco sobre o portão principal era coroado com um par de chifres de auroque e um disco solar de bronze dourado. O gado ruivo peludo pastando nas invernadas locais levantou a cabeça em curiosidade momentânea conforme o grupo de Avalon passava. Enquanto se aproximavam, os guerreiros da casa do rei formaram duas fileiras. Eram homens grandes usando kilts de lã presos por cintos de couro largos, segurando escudos redondos de couro pintado e lanças cerimoniais de lâmina larga. De dentro do complexo, ela ouviu a batida grave de um tambor.

Anderle levantou a mão em bênção enquanto passavam. “Achi! Achi!”, veio o murmúrio do outro lado. Conforme os guerreiros levantaram as lanças em saudação, o sol poente refletiu em braceletes dourados e pontas de lança de bronze polido. A demonstração explicava muito por que os vizinhos do rei Uldan o invejavam. Ela reprimiu um estremecimento quando passaram sob a sombra dos chifres.

— Pode ver que estamos bem protegidos.

O rei baixou a caneca dourada de cerveja de cevada. Era um homem grande e ainda forte, embora os músculos comessem a pender nos ossos fortes e o cinza salpicasse seu cabelo castanho. Ele fez um gesto para o círculo de pilares robustos que sustentavam o teto do salão de banquetes, esculpido e pintado em zigue-zagues e espirais que brilhavam e apagavam conforme a luz do fogo subia e baixava. Podiam ser fortes, mas as paredes, caiadas do lado de fora e cobertas por tecidos finos por dentro, não eram mais que vime rebocado. Um inimigo que atravessasse a paliçada não teria problemas para passar.

— Os lobos podem uivar em torno dos meus portões, mas nenhum deles vai me atacar — ele continuou —, tenham duas pernas ou quatro.

Anderle suspirou. Na última estação, os dois tipos tinham ficado mais ousados. Uma alcateia andava pelas colinas acima da planície, mas foram os ai-ushen, cujas terras ficavam além do estuário ao norte, os autores de ataques que dizimaram os rebanhos do clã de Amanhead. O cordeiro que tinha sido fervido com ervas e cevada para o banquete parecia uma massa em seu estômago. Aquilo não estava indo bem.

— Isso é o que os olhos do corpo enxergam — ela disse com paciência. — Mas fui treinada para ver com o espírito, e a visão me mostrou esses telhados em chamas...

A vista do fogo da lareira trouxe aquilo de volta.

Irmana fungou.

— Essa conversa de visões pode impressionar o povo comum, prima, mas eu também cresci em Avalon. Nossos professores não nos disseram que o tempo é a coisa mais difícil de definir em profecia? — Ela deu tapinhas no braço de Anderle. — Eu me lembro de como me afligia quando estava grávida de Mikantor. A senhora mesma disse que aquele dia estava quente. Não é mais provável que tenha sido alguma fantasia causada por seus próprios medos?

Anderle mordeu a língua para não responder. Irmana poderia ser casada com o rei mais importante da Ilha dos Poderosos, mas sempre precisava submeter-se à irmã de Uldan, Zamara, que era rainha. A sacerdotisa suspeitava de que a prima sempre tinha se ressentido por ter sido Anderle, e não ela, a escolhida para governar Avalon.

— Certamente meus medos teriam me mostrado perigo para o bebê em meu útero... — Ela pousou a mão de modo protetor na curva da barriga, onde a criança que crescia se esticava e virava. — A criança que estou tentando salvar é sua!

— Anderle — disse o rei —, nós apreciamos seu cuidado. Mas a responsabilidade e o direito de proteger meu filho pertencem a mim, não à Senhora de Avalon!

Ele terminou de esvaziar a caneca, e a esticou para que fosse enchida de novo pela moça que carregava o balde de cerveja pelo salão.

Anderle estirou a mão sobre a boca do próprio copo. Tinha bebido o suficiente, e não precisava adicionar enjoo de cerveja aos outros desconfortos da gravidez. Ela se mexeu no banco almofadado, mas suspeitava de que não existiria posição confortável até que a criança nascesse.

— E quem acha que nos atacaria? — perguntou Irmana. — Os ai-ushen dão preocupação na fronteira do norte, mas o líder de guerra deles é Eltan, um rapaz sem prestígio para montar uma campanha séria, e os ai-utu, no sudoeste, sempre foram nossos amigos.

— Nem todos os inimigos estão fora das fronteiras — disse Anderle em tom neutro. — Os chefes de todos os seus clãs estão contentes com o governo?

O rosto de Uldan escureceu.

— Sacerdotisa, a senhora vai longe demais! Acha que não conheço meus homens, guerreiros com quem derramei sangue, que me protegeram quando enfrentamos nossos inimigos?

Ele fez um gesto para os bancos que cercavam o fogo. Anderle reconheceu os chefes dos clãs de Amanhead e Oakhill, Carn Ava e Belsaira, e o resto, e se perguntou. Ela sabia que Galid dos Amanhead, por exemplo, havia recentemente perdido a família para uma das doenças que periodicamente assolavam a terra, e enchentes tomaram suas plantações. Os chefes ainda acreditavam na sorte do velho touro?

Eles o veem envelhecendo, e sua irmã sem um filho... Anderle baixou os olhos. Sentiu Durrin enrijecer de modo protetor ao lado dela e pousou uma mão no braço dele. *Não há ninguém mais surdo do que o homem que se recusa a escutar.*

— Eles estão contentes em me seguir há vinte invernos e mais — continuou Uldan. — A planície é o coração de nossas terras. Como poderia ser governada de Amanhead, Carn Ava ou Oakhill?

— Protegemos o grande Henge e os montes tumulares ancestrais — disse Irnana, com orgulho. — Aqui é o centro sagrado de Azan.

— Alguém ainda se importa? — Anderle perguntou com amargura. — Você e eu somos descendentes do Povo da Sabedoria que levantou o Henge, e fomos criadas com histórias de seu poder, mas o que isso significa para as mães dos clãs dos ai-zir? Quem se importa com montes tumulares quando nosso povo enterra as cinzas de seus mortos em potes na terra? Se se importassem, Carn Ava poderia desafiá-los. O círculo de pedras deles é tão sagrado quanto o Henge. Mas contra eles eu creio que vocês estejam seguros. Só espero que conheça os outros quatro clãs tão bem quanto acham.

— Paz. — A voz suave de Durrin tirou a irritação de sua reprovação.

Ele sorriu para Irnana, e a outra mulher se recostou com um suspiro.

Durrin tinha aquele efeito sobre a maioria das mulheres, refletiu Anderle, tentando suprimir a amargura. Quando se juntaram no ritual, ela carregara o poder da Deusa como ele fizera com o do Deus, e agora ela estava grávida dele. Mas ele ao menos teria olhado para ela se não fosse a Senhora de Avalon?

— Certamente conhece melhor seu próprio povo... — ele continuou, e a tensão desapareceu do ar.

Talvez, pensou Anderle, sombriamente. Não era bom sinal que a rainha não tivesse vindo ao banquete de boas-vindas. Ela era mais velha que o

irmão e não teria mais filhos. Para continuar a linhagem real, Uldan precisava ficar no poder até que Mikantor tivesse idade suficiente para liderar os guerreiros para a filha de Zamara. Saber das tensões e das alianças em mudança dentro da tribo era trabalho da rainha. A não ser que o luto pelo filho a tivesse tomado totalmente, Zamara saberia onde qualquer perigo poderia estar.

— Chega dessa conversa — disse Irnana no silêncio. — Eu me recuso a ficar apavorada por vapores assim quando está claro que a planície foi abençoada pelos deuses. Precisa andar comigo amanhã para ver como os bezerros deste ano cresceram!

Como se concordasse, a criança na barriga de Anderle chutou forte. Irnana notou o estremecimento de Anderle e riu.

— Tem aí outro guerreiro que vai lutar com meu Mikantor?

Anderle balançou a cabeça. As sacerdotisas haviam assegurado a ela que a criança era menina, uma filha para herdar a liderança de Avalon, embora que utilidade isso teria se as tribos destruíssem umas às outras? *Deveríamos lutar para deixar aos nossos filhos um mundo melhor*, ela pensou, infeliz, enquanto a prima continuava a tagarelar.

— Anda passando muito tempo em suas rezas, Senhora de Avalon. Sem dúvida o bebê vai apreciar o movimento se fizer algum exercício.

Ela fez um gesto para a moça que trouxera cerveja para seguir em frente, e Anderle fez o mesmo, mas Durrin e Uldan estenderam as canecas para serem enchidas de novo. Talvez aquilo fosse bom. Se eles bebessem juntos, o charme de Durrin poderia conseguir o que a autoridade de Anderle não conseguia.

— Vamos, prima? Deixe os homens afogarem o juízo, se quiserem. Eles vão se arrepender quando a manhã chegar.

— De fato, se pretende me arrastar por toda a planície amanhã, melhor descansar o que puder.

Anderle conseguiu sorrir.

A cama era muito macia. Na casa da Senhora de Avalon, até mesmo a grá-sacerdotisa dormia em uma esteira de palha no chão. Em Azan, a cama reservada para hóspedes de honra era de um tipo totalmente diferente, um colchão de penugem de ganso em cima de palha, sustentado por uma rede de cordas presa em uma armação. A cada vez que Anderle ou Ellet se viravam, ela rangia e balançava. Tinha esperado adormecer rápido. A sacerdotisa mais jovem adormecera assim que se retiraram, mas Anderle seguia deitada acordada, ouvindo os roncos e assovios das outras seções.

As partições de vime ou de tecido de lá entre os pilares e a parede faziam pouco para abafar o som.

Mesmo as disciplinas que eram parte do treinamento de uma sacerdotisa não tinham lhe trazido mais que algumas poucas horas de descanso. O sono verdadeiro a eludia, e por fim ela suspirou e se levantou com cuidado. Ellet se agitou com uma pergunta murmurada.

— Durma, criança — ela sussurrou. — Vou apenas me aliviar. Não há necessidade de se levantar também.

Era verdade que, com o bebê sentado sobre a bexiga dela, fazia meses que não era capaz de dormir a noite inteira, mas, fosse o motivo desconforto ou ansiedade, Anderle não aguentava ficar imóvel.

Ela abriu os tecidos que separavam o local de dormir delas e pisou cuidadosamente sobre Durrin, que roncava em uma esteira de palha bem ao lado. O brilho opaco das brasas dava luz suficiente para que ela encontrasse o caminho entre os guerreiros deitados ao lado do fogo e saísse passando pelo couro que pendia na porta principal.

Era a hora silenciosa logo antes do amanhecer, úmida e fria. A névoa no chão se enrolava em volta das casas. Anderle respirou fundo ao emergir de trás da tela de vime e tossiu quando um fedor acre entrou em seus pulmões. O choque arrepiou a pele de seus braços. Aquilo não era névoa! Sentia cheiro de fumaça, iluminada pelo primeiro brilho baço do fogo. O colmo de uma das casas redondas menores estava em chamas. Por um momento, o desespero paralisou seus membros. Era a cena de sua visão. Mas em sua visão *ela* não estava ali.

Ela engoliu um grito enquanto corria pesadamente de volta pelo pátio. De que adiantaria um aviso se não poderia usá-lo para mudar o resultado? Passou rapidamente pela porta, curvando-se para chacoalhar o ombro do primeiro guerreiro adormecido.

— Levante-se, homem! Há inimigos dentro do recinto. Mas em silêncio, e poderá pegá-los de surpresa antes que saibam que foram avisados!

Ela mais sentiu que viu a onda de movimento enquanto o aviso era repassado. Os homens ficavam de pé, fuçando para pegar as espadas dos ganchos nas pilastras e os escudos das paredes. Anderle se abraçou a uma das pilastras. Ali dentro, corria o risco de ficar presa em uma construção em chamas, mas iria sentir-se mais segura lá fora? Nenhum homem das tribos iria ferir por vontade própria a Senhora de Avalon, mas, ainda que estivesse usando os mantos azuis de sua vocação em vez de uma camisola e um xale, poderiam não reconhecê-la no escuro. Tentou se convencer de que estava mais segura ali.

O metal soava e alguém xingou. Ela ouviu a voz de Uldan, baixa, mas firme, e sentiu o coração disparado desacelerar. A falta de imaginação que

o fizera ignorá-la o impedia de entrar em pânico agora. Formas altas passaram empurrando-a, reunindo-se diante da porta. Então um comando breve os enviou marchando para a frente. Houve um grito, um clangor de bronze. “Ai-zir! Cuidado com os chifres do touro!”, veio o rugido grosso, e “Temam as presas! Ai-ushen!” foi a resposta em um uivo agudo de lobo.

Ela deveria ter esperado por isso. A tribo do norte estava em constante pressão dos moradores das montanhas que tinham sofrido coisa pior. Sem dúvida as novilhas que Irnana elogiara já estavam a caminho dos campos dos ai-ushen. Terra produtiva era o grande tesouro, mas ouro e bronze podiam comprar comida daqueles que ainda tinham campos em que os cereais cresciam.

Alguém atçou o fogo da lareira e ela viu o olhar apavorado de Ellet. Durrin estava se esforçando para ficar de pé, piscando com a comoção ao redor dele.

— Peguem nossos mantos! Irnana, está aqui?

Mas a mulher do rei já abria caminho na direção dela. Cabelos ruivos soltos em alvoroço, ela apertou o braço de Anderle. Lá fora a gritaria era pior, o cheiro de fumaça mais forte agora.

— Ajude-me a chegar até Mikantor!

Por um segundo, a sacerdotisa ficou olhando. Então se recordou de que a criança dormia com a babá em uma das outras casas redondas. Anderle estremeceu com o tumulto que ouvia lá fora. Seu espírito, se não o corpo, tinha sido enfraquecido pelos paparicos de Kiri. Não adiantava protestar que não conseguia ajudar. Os homens de Uldan estavam lutando; Ellet e Durrin olhavam para ela buscando instruções. Grávida ou não, ela precisaria usar qualquer poder que tivesse. *E, se a Senhora de Avalon não pode achar alguns feitiços para proteção*, ela então pensou, *nossa linhagem merece fracassar*.

— Vamos juntos. Fiquem quietos, e lembrem-se do treinamento! — ela disse em voz alta. — Respirem fundo, borrem o ar em torno de vocês. Se sairmos em pânico, vão nos cortar!

Ela esperava que Zamara tivesse tido o bom senso de ficar dentro de casa. A casa dela ficava no centro do recinto, marcada pelo estandarte no mastro. Nem mesmo os lobos de ai-ushen ousariam matar uma rainha.

Precisamos ser sombras... Ela extraiu poder da terra e o envolveu em torno deles, estendendo a consciência interior para sentir o fluxo de energias lá fora. Não havia ninguém por perto. Ela apertou o braço de Irnana e a puxou pela porta.

O corpo de um dos guardas da casa jazia diante dela, outras formas estavam espalhadas pelo chão ao redor, mas perto do portão principal o bronze reluzia enquanto figuras em luta entravam e saíam do clarão

agitado. Uma mulher gritou quando guerreiros a forçaram para o chão, rasgando suas roupas. Anderle sentiu um aperto no estômago enquanto o choro de um bebê seguia sem parar.

— Que casa? — ela sussurrou enquanto iam adiante, e Irnana apontou para uma construção menor atrás da casa da rainha.

Atrás delas a luz brilhou enquanto alguém colocou uma tocha no telhado de colmo do salão de banquetes de Uldan. Os homens corriam para dentro e para fora da construção, embrulhando bens e utensílios nos tecidos de lã que insulavam as paredes. Posição social ou magia poderiam tê-la protegido de homens enlouquecidos pelo desejo de batalha e pela ganância?

Tinham quase chegado à casa onde Mikantor dormia com outras crianças. Anderle se encolheu, as mãos fazendo um gesto de proteção, quando uma figura correu na direção do grupo, então a reconheceu como uma das criadas que serviam no salão.

— Minha senhora, está segura. — A menina apertou o braço de Irnana.

— Fique quieta, tola — Anderle sibilou.

Mas já era tarde demais. O movimento da criada tinha chamado a atenção de um dos guerreiros como a corrida de um rato atrai uma co-ruja. Conforme o homem pulava na direção deles, Anderle ficou tensa, então reconheceu a figura vultosa como o chefe de Oakhill que tinha estado no salão de banquetes.

— Galid! — gritou Irnana. — Proteja-nos! Preciso chegar até meu filho!

O homem balançou a cabeça, os lábios se curvando em um sorriso sem humor.

— Que a cria de Uldan morra como morreram meus filhos. Uldan perdeu o favor dos deuses!

Por um momento, Irnana ficou olhando.

— Foi você? Foi você o traidor que deixou os lobos entrarem?

O olhar de Galid ardeu enquanto ele a olhava de cima para baixo, o fogo brilhando nas faixas que continham suas muitas tranças.

— De fato, você é uma ovelha balindo, mas uma bonita. Vou poupá-la para aquecer a minha cama se for se comportar.

A fúria ardeu no rosto dela. Não, Anderle podia ver com tanta clareza porque a Casa das Crianças estava em chamas. Conforme Galid se esticou para ela, Irnana abaixou sob o braço dele e se jogou para a porta.

Enquanto o homem se virou, Anderle se endireitou, raiva e horror pulsando nas veias.

— Você se atreve a se opor ao poder de Avalon!

Os olhos dele se arregalaram. O que ele estava vendo? Era a primeira vez que Anderle colocava o encanto da Mãe Escura a sério. Ela não sabia se conseguiria, especialmente agora. Fora a necessidade que libertara seu

poder, observou aquela parte da mente que não falava de modo confuso, necessidade canalizada pelas disciplinas de Avalon. Ela nunca havia realmente *precisado* daquele poder antes.

— Você vai ficar de lado — ela disse em uma voz persuasiva. — Não somos seus inimigos...

O coração dela saltou ao perceber que o triunfo cruel no rosto dele cedia lugar ao medo. Ela se virou para seguir Irnana pela porta.

— Anderle, é tarde demais!

Durrin a pegou pelo braço. O calor chamuscou seu rosto, e ela percebeu que não apenas o colmo, mas as paredes também estavam em chamas. A fumaça já havia sobrepujado todos lá dentro? Ela expandiu o espírito e ouviu o choro lamentoso de uma criança.

Assim morre o Filho de Cem Reis!

— Não!

Anderle negou as palavras que reverberavam em sua memória. O couro fumegante que fechava a porta foi puxado de lado. Através de um turbilhão de fumaça, ela viu Irnana com o filho preso ao peito.

— Salvem-no!

Anderle se soltou do aperto de Durrin e se inclinou em uma explosão de calor como a forja de um demônio, cambaleando quando Irnana enfiou a criança nos braços dela e balançou para trás, envolta e coroada em chamas. No momento seguinte, o sorriso triunfante dela se contorceu. Anderle se afastou cambaleando, fechando os olhos enquanto a visão de esplendor se transformava em um horror de cabelos em chamas e pele que torrava.

O grito dela quebrou o transe de Galid. Vendo a criança nos braços dela, o guerreiro sorriu e balançou a espada.

— Anderle! — gritou Durrin, enfiando-se diante dela para pegar o braço de Galid. — Corra!

Ellet a empurrou para longe dos homens em luta. Anderle viu Durrin se soltar. O olhar angustiado dele procurou o dela. Galid também se virou. Durrin gritou o nome dele, e se jogou no golpe de espada de Galid.

Corra! O pedido chegou ao coração dela, não aos ouvidos. Chorando, ela permitiu que Ellet a arrastasse para longe.

dois

— **m**inha senhora, não podemos parar aqui! — Ellet olhou para a silhueta escura do monte funerário. — É um lugar de fantasmas!

Ela apertou Mikantor, que começou a chorar. Apesar de suas palavras, a sacerdotisa mais jovem cambaleava. Ellet carregara o bebê pela maior parte do caminho através do vau do Aman e subindo a colina, e até mesmo a energia juvenil dela tinha chegado ao fim.

— Os ancestrais não vão nos fazer mal. Mas, se ficarmos exaustas agora, vamos nos juntar a eles.

Anderle controlou a própria respiração. *Também estou levando uma criança*, ela pensou de modo sombrio, *embora ela pese menos que o menino de Irnana*. Ela olhou para o caminho pelo qual tinham vindo.

A cena abaixo era o reverso daquela que tinha visto quando chegaram. O fedor de colmo queimado havia substituído o aroma de feno. Os animais que pastavam nos campos foram afastados, as casas redondas que tinham parecido tão confortáveis atrás da paliçada agora eram cones de chamas em cujas luzes figuras escuras saltavam. Graças aos deuses ela não podia mais ouvir os gritos.

Mas, no caminho atrás deles, nada se movia.

Os lobos ai-ushen estavam simplesmente ocupados demais saqueando para ir atrás de fugitivos agora? Imagens daqueles últimos momentos na propriedade do clã retorciam o coração de Anderle. Ela tinha visto o golpe de Galid derrubar Durrin. *Ele morreu para nos salvar. Quando estivermos em segurança, vamos lamentá-lo...* Aquela litania a mantivera em movimento pela estrada.

Galid viria atrás deles. O sacrifício de Durrin tinha dado a eles tempo, não segurança, e cabia a Anderle usá-lo bem. Quando a perseguição viesse, esperariam encontrar os fugitivos na estrada para Avalon. Era questão de tempo.

Um cão uivou e Ellet começou a tremer de novo, obviamente lembrando de histórias do demônio Guayota, que assombrava lugares solitários e, dizia-se, assumia a forma de um cão.

— Você está certa. Acho que precisamos sair da estrada.

— Mas para onde podemos ir?

Ellet olhou para a paisagem de colinas gentis em torno deles, com montes funerários construídos por homens cujos nomes tinham desaparecido da memória, mas cujo poder ainda morava ali.

— Deixe-me pegar Mikantor.

A sacerdotisa tirou a criança que choramingava dos braços da garota. O menino mal tinha três meses, mas era grande para a idade.

Depois de alguns momentos, a respiração de Ellet começou a relaxar. O olhar de Anderle se moveu para o Henge, seus blocos de sombra levantados debaixo das estrelas. Mesmo dali, podia sentir a energia que ele concentrava como um leve zumbido nos nervos. Em Avalon, dizia-se que tinha sido construído por um sacerdote vindo de além-mar que era um ancestral tanto dela quanto do bebê em seus braços. Ela fora ensinada as disciplinas para despertar seus poderes, mas fazer isso poderia ser perigoso para a criança no útero. A situação deles não era tão desesperadora. Ainda não. Mas Mikantor era descendente dos homens que tinham construído os montes funerários, assim como daqueles que construíram Avalon. Talvez eles estivessem dispostos a ajudá-lo.

— Antigos! — ela chamou suavemente. — Avós, avós de Azan, escutai-me! Contemplai vosso herdeiro!

Ela ergueu o bebê que se debatia e o baixou lentamente. Ele parou de resmungar e olhou. Os olhos de Ellet ficaram enormes em seu rosto pálido ao perceber também a mudança no ar. *Algo* estava escutando. Anderle respirou fundo e continuou.

— O território do clã caiu, e inimigos o perseguem. Apenas vós podeis nos ajudar agora! Vinde para guardar os caminhos. Confundi aqueles que vêm atrás de nós. — A mão dela apertou os membros fortes do menino. — Pelo sangue de vosso sangue e osso de vosso osso, eu vos rogo! Levai-os para longe, e guiai-nos para casa em segurança!

Anderle cambaleou e apertou a criança quando um vento súbito sussurrou em torno dela. Quando conseguiu ver de novo, a grama estava imóvel. Mas sua Visão despertada mostrava um brilho de radiância acima do monte tumular. A mesma luz brilhava sobre os outros montes tumulares espalhados pela planície. Ela ardia das pedras poderosas do Henge.

— Você está vendo?

Ela se virou para Ellet, o medo dando lugar ao assombro. Tocou a testa da garota, e Ellet arquejou. A planície havia muito guardava algumas das terras de cultivo mais ricas. Seus mortos eram muitos, e eram poderosos, e ainda estavam ali... Um reino dos mortos estava ao redor delas, e a paz dele estava sendo substituída por uma raiva pulsante que fez os braços de Anderle se arriarem.

— Vamos — ela sussurrou, pisando em um caminho que levava para longe da estrada.

Agora ela podia ver muitas trilhas assim, passando entre os contornos retangulares de campos ancestrais. Para a visão superficial, elas

estavam escondidas, mas a terra se lembrava. Todos os tempos estavam presentes ali; a terra guardava a lembrança de cada ação para aqueles que tinham olhos para ver.

— Mas como vamos encontrar o caminho? — Ellet apertou o braço dela.

— Veja como as trilhas nos levam. De um monte funerário a outro, os ancestrais vão nos passar.

Mikantor tinha adormecido, quente e mole em seus braços. Ela sorriu um pouco, e o passou de volta para a garota. Continuaram assim enquanto as estrelas giravam em direção à manhã, movendo-se com facilidade pelos caminhos ancestrais e subindo novos muros de pedra que tinham sido construídos através das trilhas. Na hora cinzenta bem antes do amanhecer, Mikantor acordou de novo, chorando com uma intensidade ansiosa.

Anderle olhou em torno de si com um suspiro. A luz brilhante que as guiara estava desaparecendo com a aproximação do dia. Ao norte, um último brilho coroava um grande monte tumular com lados escondidos por arbustos e árvores. O bebê havia começado um gemido desolado.

— Ele está com fome — disse Ellet.

— Vamos parar no próximo riacho — a sacerdotisa respondeu. — Podemos pingar água na boca dele com a ponta do meu véu.

E, de fato, quando o fizeram, o bebê sugou com vontade, mas pareceram apenas momentos até que ele comesse a chorar de novo. A energia que havia levado Anderle tão longe também estava sumindo. Quando ela tropeçou pela segunda vez, salva de uma queda apenas por um giro que sacrificou suas costas, soube que precisavam encontrar não apenas comida, mas um lugar de refúgio, e logo. Mas para onde poderiam ir?

Anderle se forçou a respirar fundo e deixar a exalação levar a dor para longe. Ainda estava cansada, mas por um momento ao menos conseguia ficar de pé em equilíbrio sobre a terra e se recordar de que era algo mais que uma criatura tropeçante de carne e ossos.

O céu se enchia de radiância. Velhas disciplinas endireitaram suas costas, levantaram seus braços no ar em saudação ao dia que vinha.

Ah, beleza sobre o horizonte no leste,

Levanta tua luz no dia, ó estrela oriental,

Estrela do Dia, acorda, levanta!

Ni-Terat, ela adicionou à prece silenciosa à Deusa, *Tu, que da escuridão dá à luz o dia, tem misericórdia deste pequenino, oculta-o dos inimigos!*

Por um momento, o arco dourado de Manoah queimou sobre o horizonte. Com a visão ofuscada, ela fechou os olhos, e, com a imagem ainda impressa nas pálpebras, virou e deu um passo. No intervalo entre levantar o pé e pousá-lo novamente, ouviu um balido, e aquilo não vinha da criança.

— O que foi? — veio a voz de Ellet de trás dela.

— A resposta da Senhora... — Anderle lutou para impedir que sua voz tremesse. — Vamos!

Juntas, elas se embrenharam pelo emaranhado de espinheiros, rosas silvestres e pés de amora-brava que haviam crescido em torno do velho monte tumular.

Ellet soltou um guincho quando algo se moveu atrás de um arbusto de sabugueiro, preto e depois branco. Havia duas criaturas ali? Com cuidado, Anderle levantou um galho de amora-brava, viu o olhar funesto de uma cabra presa pelos chifres nos galhos e sufocou um sorriso. As ovelhas, animais tolos, estavam sempre tendo esse tipo de acidente, mas era incomum encontrar uma cabra naquela situação.

— Não tenha medo de nós, ama — ela disse em voz baixa, enquanto a cabra lutou com os galhos e baliu de novo. — Você perdeu sua criança? — ela perguntou, vendo as tetas inchadas balançarem quando o animal se moveu. — Aqui tem um juvenzinho que perdeu a mãe, talvez possamos ajudar uns aos outros...

Havia uma pequena clareira debaixo dos freixos que cresciam no topo do monte funerário.

Por um longo momento, os olhos amarelos de pupilas compridas olharam os dela em uma avaliação. Então a cabeça da cabra pendeu, descansando nos galhos em vez de lutar contra eles conforme a tensão deixava seus membros. A parte da frente dela era preta, a de trás, branca com pintas pretas. Não era de espantar que fosse difícil de ver.

— Assim... assim...

Anderle se moveu para a frente até que conseguiu acariciar o flanco peludo da cabra. Uma pelagem mais pesada escondia um subpelo macio. Os galhos do sabugueiro estavam cheios de tufos de lá onde a cabra tinha lutado para se soltar, e todos os gravetos por perto estavam comidos.

— Fique calma, então, e vamos cuidar de você. Ellet — ela disse em voz baixa. — Traga o bebê e segure-o embaixo das tetas dela.

Murmurando suavemente, ela acariciou o flanco da cabra com uma mão e, com a outra, apalpou as mamas. A cabra se mexeu um pouco com o toque dela, mas não tentou chutar ou se afastar.

— Fique calma e vamos aliviar você — murmurou a sacerdotisa, abençoando as tradições que exigiam que uma sacerdotisa aprendesse as habilidades práticas que mantinham a comunidade.

Ela colocou a teta em ângulo com a boca em bico da criança e apertou. Um fluxo fino de leite acertou a boca do menino e escorreu pelo queixo. Por um momento, Mikantor olhou pasmo; então a boca dele se abriu. O segundo jorro entrou antes que ele decidisse se ia ou não chorar. Ele tossiu, engoliu e abriu a boca de novo.

Quando o leite da cabra começou a faltar, os olhos de Mikantor estavam fechados e ele caiu em um sono pacífico pela primeira vez desde a escapada deles. Anderle se recostou com um suspiro e estendeu os braços.

— Eu tomo conta dele agora. Quero que use seu cinto para amarrar e levar a cabra de volta até o riachinho para beber água. Ela deve estar quase seca.

— E a senhora?

— Bebi quando o cruzamos. Você e eu podemos ficar sem mais água até o anoitecer, e também a Senhora Aia, assim que beber sua porção. Fique de ouvidos abertos. Pode deixá-la pastar um pouco, mas precisam estar de volta antes do dia alto.

— E se os lobos ai-ushen me encontrarem? — perguntou a moça enquanto desembaraçava os galhos que prendiam os chifres da cabra.

— Ora, você é só uma menina da casa de fazenda aqui perto que se perdeu procurando essa cabra fujona e passou a noite nos campos. Eles estarão procurando uma mulher com um bebê, e, no seu presente estado, se puxar o cabelo para baixo para esconder a lua crescente na testa, garantindo que ninguém vai achar que é uma sacerdotisa de Avalon!

Com o cabelo castanho e os olhos azuis dela, carrapichos no xale e a bainha da camisola rasgada e suja de lama, Ellet era uma filha típica daquela terra, ainda que um tanto encardida.

— Tente parecer estúpida e não fique nervosa, e acho que vão deixá-la em paz.

— Vou fingir que é mestre Belkacem questionando-nos sobre a linhagem das grãs-sacerdotisas — a moça disse, secamente. — Listas de nomes sempre transformam meu cérebro em lá.

Anderle se recostou contra o tronco do freixo, enquanto a moça e a cabra seguiam descendo com leveza o lado do monte funerário. Essa sensação de segurança era uma ilusão, mas ao menos estava sentada, imóvel. Não tinha percebido o quanto a corrida delas pelo campo a havia esgotado. Naquele momento, achava que não conseguiria se mover mesmo que todo o bando de guerra dos ai-ushen aparecesse lá embaixo.

Permaneceram no monte funerário durante o dia, dormindo irregularmente enquanto a cabra, a quem tinham dado o nome de Ara, continuava a aparar os arbustos debaixo do freixo. Ela se mostrou uma provedora abundante de leite, providenciando o suficiente para alimentar Mikantor e também as duas sacerdotisas. Com isso, frutas silvestres

dos arbustos e um pouco de agrião que Ellet tinha trazido do riacho, sentiram-se fortes o suficiente para seguir em frente, levando a cabra, assim que a escuridão caiu.

A segunda noite de jornada passou sem acontecimentos, e encontraram outro monte funerário para servir de abrigo quando o dia chegasse. Não tinham visto seguidores, e pela terceira manhã Anderle começava a acreditar que haviam escapado dos inimigos. As caminhadas delas as forçaram a seguir ao norte da melhor rota, mas, se fazer um desvio no caminho custava tempo, era vantajosa em segurança.

A velha Kiri teria um ataque se me visse agora, pensou Anderle, marchando com as saias puxadas debaixo da barriga que balançava e o cabelo cheio de nós enrolado em um espinho. Até que essa jornada tivesse provado sua resistência, não tinha percebido que ela própria duvidava de si. Mas podia ver o rosto encovado de Ellet e sabia que o seu deveria estar do mesmo jeito. Uma dieta de frutas silvestres e leite de cabra não era suficiente para um uso tão extenso de energia.

— Se me lembro direito, ali acima daquela colina fica o assentamento de onde veio Chrifa.

— Não era a moça alta que contava umas histórias ótimas? Estava terminando o treinamento dela quando cheguei, e então ela foi embora para servir em Carn Ava.

— Ela foi, e acho que a família dela estaria disposta a ajudar uma sacerdotisa que se perdeu da escolta.

— Só uma sacerdotisa? — Ellet olhou para ela com cautela.

Anderle assentiu.

— Acho que estamos seguros, mas não há necessidade de correr riscos tolos. Vou ficar naquela mata ao lado do velho túmulo com Mikantor e Ara enquanto você vai e pede um pouco de pão e queijo em nome de Avalon.

— E se tentarem me manter lá?

— Não vão protestar se declarar que precisa ir para a mata fazer uma oferenda!

O monte funerário era velho o suficiente para ter perdido a terra que cobria uma ponta. As pedras desnudas que tinham emoldurado a primeira tumba pareciam rosa à luz matinal. Uma abertura escura abaixo delas sugeria outra câmara mais adentro. Depois de um cumprimento aos que tiveram os corpos colocados ali, Anderle prendeu a amarra de Ara no tronco de uma aveleira, encurvou-se contra uma delas e ajeitou Mikantor na curva do braço. Graças aos deuses ele ainda não engatinhava.

Por um tempo foi suficiente desfrutar do apoio sólido da terra e das pedras. Em algum lugar acima dela, um passarinho canoro saudava

o sol com um “hu it” descendente que terminava em um trinado. Ela olhou para cima através das copas das faias até ver as penas verde-claras pálidas da ave. Ali havia paz, ela pensou, com sono. Tanto as tensões sutis da vida em Avalon quanto a violência do ataque em Azan pareciam distantes. Qualquer paixão que tivesse governado os que estavam enterrados ali havia desaparecido fazia muito tempo. Ela tentou ficar acordada para esperar a volta de Ellet, mas o ar que esquentava a envolveu em um doce abraço.

Não foi o passo leve da moça que a despertou, mas as pisadas duras de pés que usavam sandálias. E talvez seu sono não tivesse sido profundo como imaginara, pois, sem precisar pensar, Anderle se viu empurrando Mikantor pela abertura entre as pedras do túmulo e forçando a barriga inchada através da abertura depois dele.

— Vi alguma coisa se mexer — veio a voz de um homem, abafada pela terra e pela pedra.

— Ao lado do túmulo? — um segundo homem respondeu. — Este lugar pertence aos mortos, mas eles não caminham de dia!

Ela puxara todas as roupas para dentro? Anderle se esforçou para ver acima da curva do quadril.

— Então por que está ficando para trás, hein, Izri? — Isso com o sotaque do norte. — O chefe diz que precisamos verificar todas as fazendas, todos os esconderijos. Não sei se os fantasmas podem machucar você, mas Ramdane com certeza pode!

— Esta terra tem túmulos demais — veio a segunda voz de novo. — Os mortos ajudam suas feiticeiras, ou teríamos encontrado uma trilha.

Um pouco de terra caiu conforme alguém subia pelo monte funerário. Anderle lutou contra uma visão em que o peso dele mudava o equilíbrio das pedras, de grandes massas deslizando para esmagá-la junto com a criança. Ao menos, pensou sombriamente, teriam um enterro digno.

— Pelo forçado do Caçador, é uma *cabra*! — a primeira voz exclamou.

— Então agradeço a ele — respondeu o nortista. — Será uma boa mudança em relação ao cozido de cevada.

Anderle se retesou, apertando inconscientemente a criança. Mas o protesto de Mikantor foi coberto pelo balido súbito de Ara.

— Deixe o bicho em paz! — um dos outros homens gritou. — Pode ser uma oferenda!

Antigos, ocultai-nos, e farei uma oferenda de verdade!, rezou a sacerdotisa. *Colocai medo nos corações deles até que fujam!* Ela sentiu abruptamente que não estava sozinha. Os guerreiros também sentiram.

— Se quer que suas bolas murchem e suas plantações morram, siga em frente. Eu estou saindo daqui agora!

O som de folhas amassadas e galhos quebrados a avisou quando primeiro um, depois o segundo homem foram embora.

— Muito bem, mas acho que são tontos covardes — respondeu o nortista. — Ainda assim, se tivessem alguma força de caráter, imagino que não teríamos tomado Azan.

O resmungo sumiu conforme ele também refazia seus passos pela mata.

Anderle ficou deitada tremendo por um longo tempo, mas, por ora, seu coração havia desacelerado e os músculos tensos começavam a relaxar. A razão lhe dizia que os guerreiros tinham ficado com medo demais para retornar, mas naquele momento isso não era o suficiente para convencê-la a sair daquele útero de terra. Nunca havia lhe ocorrido sentir inveja dos ancestrais. Mas ali estavam eles abrigados em pedra eterna, todas as paixões apagadas, todo o perigo no passado.

Ou ao menos parte deles, ela então pensou. Outra parte vivia no sangue e nos ossos de seus descendentes, e outra ainda se movia de vida a vida através dos séculos, buscando resolver seu destino. E aquilo iria viver ainda mais que essas pedras...

De tempos em tempos, memórias de outras eras emergiam nas meditações de uma das pessoas de Avalon. Até mesmo a pequena Ellet tinha sonhado usar uma picareta de chifres de veado para cortar o solo do Tor e criar o caminho em espiral em torno dele; os sacerdotes mais velhos julgavam provável que ela tivesse sido um dos acólitos que vieram para Avalon dos Reinos do Mar que agora estavam debaixo das águas. Mas as visões de Anderle eram do Afundamento, da última explosão cataclísmica, quando a montanha se espatifou e sua cidade morreu em chamas.

Se eu de fato estava lá, então não sobrevivi, ela percebeu subitamente. *Talvez seja por isso que prever a destruição de Azan me assustou tanto...* Mikantor se mexeu nos braços dela e ela se virou de lado para dar mais espaço. *E quem era você naqueles dias, meu pequenino? Você é a criança que foi salva para herdar uma nova terra?* Por ora, era suficiente tê-lo salvado do incêndio.

Dizia-se que Micail, que construíra o grande Henge, viera de uma linhagem de reis, embora tivesse vivido como sacerdote, não como governante. Ela tinha a impressão de que a escuridão se transformara em uma tapeçaria na qual figuras baças se moviam, lutando, dançando, virando grandes pedras. Ainda tentando entender, ela dormiu tão profundamente quanto qualquer um dos ancestrais.

Quando Anderle acordou de novo, a faixa de luz que entrava pela abertura da tumba era pouco mais clara que a escuridão lá dentro. Por um momento ela não sabia onde estava, muito menos o que a tinha acordado. Então ouviu o balido que Ara fazia quando não recebia água ou comida suficiente. Quem tinha vindo era alguém que a cabra esperava

que tomasse conta dela. A sacerdotisa sorriu na escuridão e reuniu forças para um chamado mental.

— Minha senhora! — veio a voz suave de Ellet de fora. — Onde a senhora está? Está invisível?

A voz dela tremia. Havia histórias sobre adeptos de Avalon que conseguiam fazer exatamente isso.

— Está seguro agora. Os malvados foram embora!

Mikantor guinchou em protesto enquanto Anderle o empurrava pela abertura, e Ellet arquejou. Quando ela passou a cabeça e os ombros pela abertura, viu a moça olhando, os dedos torcidos em um sinal de proteção.

— Não sou nenhum fantasma. — A sacerdotisa reprimiu uma risada. — Mas certamente sou grata aos espíritos que me abrigaram. Quando os ai-ushen vieram, pensaram que Ara fosse uma oferenda. Se trouxe comida, precisamos deixar alguma coisa na tumba.

Ellet se recuperou o suficiente para erguer um saco cheio.

— Deve estar com fome, e a pobre Ara está mais que pronta para ser ordenhada de novo.

Ela pegou uma vasilha de madeira e um odre de água do saco e deixou a cabra beber, então se acomodou perto do flanco de pintas pretas e colocou Mikantor no colo.

Anderle se esticou com cuidado. A última luz do dia brilhava no oeste, e a lua nova já estava alta. Ela sentia que Ellet tinha falado sinceramente, pois uma paz palpável caía sobre a terra. Fuçou no saco de comida e tirou dois pães de cevada, deixando um na entrada da tumba.

— Mas o que aconteceu com você? — ela perguntou, ao começar a comer. — Os lobos foram até a fazenda também?

— Eles foram mesmo, e devemos a Chaoud e à família dele a bênção de Avalon! Os desgraçados nos colocaram em fila na casa enquanto enfiavam as lanças no colmo e nas covas de armazenamento. Chaoud disse que eu era a irmã dele que não batia muito bem depois de ter tido febre, e eu puxei o cabelo sobre os olhos e murmurei e babei até que desistiram de qualquer ideia que pudessem ter de me estuprar.

Ellet sorriu.

— Eles levaram a comida que conseguiram encontrar — ela continuou —, mas nestes dias o povo aprendeu a esconder os suprimentos. Restou o suficiente para alimentá-los, e nos dar algumas provisões também. Com certeza em mais um dia ou dois chegaremos ao Tor...

Ela olhou para Anderle com esperança.

A sacerdotisa assentiu. *E o que farei se os ai-ushen nos seguirem?*, ela então se perguntou. O Povo do Lago não tinha nenhum guerreiro. *Nossa magia é para cura e crescimento, não destruição. Se eu sequer pudesse atrair*

as brumas do lago ao nosso redor para nos esconder do mundo! Talvez quando chegassem ao Tor os deuses teriam lhe dado algum conselho.

Mas primeiro precisavam chegar lá.

três

Anderle e ellet chegaram à vila do povo do lago no quarto dia depois da queda de Azan. O céu brilhava rosa enquanto o sol se erguia sobre as colinas a leste, mas a neblina ainda envolvia as plataformas nas quais os moradores tinham erguido suas moradias; então, vistas de cima, as construções pareciam flutuar sobre a água.

Alguns cães começaram a latir em resposta aos balidos de Ara, e em instantes as pessoas apareceram nas plataformas. Nesse momento, Texugo abriu caminho entre as pessoas, ainda esfregando o sono dos olhos, com a mãe, Mulher Salgueiro, atrás dele. Ele era jovem para ser o líder da vila, batizado pelas mechas brancas que apareceram em suas têmporas quando o pai dele morreu.

— Sagrada, a senhora está aqui! — Ele correu através da passagem elevada, curvando-se para fazer o sinal de reverência no coração e na testa. — Soubemos do fogo, e então nenhuma notícia. Ficamos com medo...

Anderle reprimiu uma careta. Bem podia imaginar como as notícias da queda de Azan teriam sido recebidas em Avalon.

— O que souberam?

— Dizem que o rei e toda a família dele mortos. — O olhar dele se moveu para o bebê. — Irnana e o bebê queimados no incêndio.

— Minha prima correu para a Casa das Crianças para tentar salvá-lo — Anderle disse, com verdade. — O telhado caiu antes que ela pudesse escapar. Ela estremeceu com a lembrança.

— Ouvimos que Durrin foi morto na luta. — Texugo lançou um breve olhar para ela. — Alguns dizem que os Ancestrais levam a senhora para morar com eles nos montes funerários.

Anderle assentiu, pensando no fato de que as pessoas às vezes podiam sentir a verdade mesmo quando não conseguiam entendê-la.

O riso de Ellet era um pouco agudo demais.

— Nós tivemos uma viagem e tanto! Mas a Deusa cuidou de nós. Ela mandou Ara aqui para que pudéssemos alimentar a criança!

Ela esfregou a parte de trás da cabeça da cabra, entre os chifres. Os olhos se arregalaram conforme as pessoas perceberam que Anderle segurava um bebê nos braços.

— É um órfão que resgatamos na viagem — ela disse com clareza.

Tagarelando, a mãe de Texugo abriu caminho até a frente do filho.

— Bebê não único que precisa comer. Vocês duas vêm comigo. Tem mingau quente no fogo.

Ela levantou a ponta do cobertor e Mikantor abriu os olhos escuros e a agraciou com um olhar de procura que a fez rir.

Mulher Salgueiro tinha sido ama de Anderle quando ela era bebê. A própria avó de Anderle vinha da mesma família, e não havia ninguém em quem ela confiasse mais para cuidar de Mikantor. Ainda estava pensando nisso ao se ajeitar com gratidão em uma almofada de couro estofada de penas. O fogo ardia sobre uma laje de pedra no centro do cômodo longo. O reboco de argila das paredes ondulava levemente sobre o vime abaixo. Os aromas de peixe secando e fumaça de madeira estavam entre suas primeiras lembranças. Avalon era sua vida, mas isso parecia mais com o lar.

— Menino de Irnana? — a mulher mais velha perguntou enquanto Anderle abria os panos que embrulhavam a criança e ela viu o cabelo ruivo. — Ele parece forte.

— Graças a Caratra — respondeu Ellet. — Ou ele bem poderia ter morrido antes de encontrarmos a cabra.

— Isso também foi um milagre — Anderle então disse. — Foi tudo que vi na minha visão, mãe, exceto que eu estava lá. Esta criança tem um destino. Mas, até que tenha idade suficiente para reclamá-lo, o mundo deve pensar que ele *de fato* morreu.

— Até o povo de Avalon?

Os olhos escuros da velha brilharam.

— Especialmente — Anderle disse com pesar. — Os ai-ushen, e os traidores que os ajudaram, virão procurar Mikantor quando souberem que retornei, e aqueles que juram servir a Verdade acham difícil mentir.

— Então ele precisa ser escondido. Conhece Samambaia Vermelha, mulher de Águia-Pesqueira? Ela tem bebê novo, e muito leite. Vai tomar conta dele se eu disser. — Mulher Salgueiro esticou a mão para acariciar o cabelo brilhante. — Raspamos a cabeça dele por ora. Mais tarde usamos tinta de castanha. Ele já tem o tamanho de uma criança de cinco luas. Qualquer um que veja vai pensar que é mais velho, e nosso.

Anderle se recostou na almofada, só agora se permitindo reconhecer que a ansiedade que ela carregava tinha sido um fardo maior que a criança. Ela bebericou com gratidão o chá de milefólio que a velha lhe serviu em um copo esculpido em madeira de carvalho.

— Ellet, vá encontrar Samambaia Vermelha, diga a ela para vir.

Quando a moça tinha saído, Mulher Salgueiro se virou para Anderle.

— Agora me diga como você está.

Por um momento, Anderle só conseguiu olhar.

— Eu não... sei — ela disse lentamente. — Só pensei no próximo perigo, no medo. Durrin morreu para me salvar. Queria sentir dor por ele, mas não sinto nada, nem mesmo gratidão por estar viva.

— Isso vai vir. — A Mulher Salgueiro assentiu. — Agora precisa descansar.

Anderle aquiesceu. A dor em suas costas havia voltado, e ela se mexia na almofada tentando aliviar a tensão. Ouviu riso do lado de fora e se virou quando Ellet entrou pelo couro da porta, seguida por uma mulher de rosto redondo que deveria ser Samambaia Vermelha. Ela claramente tinha um pouco de sangue das tribos. Poderia até ser capaz de fazer Mikan-tor passar como seu filho. Mas o que inspirou confiança instantânea foi o sorriso de Samambaia Vermelha.

Anderle se esticou e a Mulher Salgueiro passou o embrulho morno. Ela aninhou o menino no peito e sentiu os olhos encherem de lágrimas quando o bebê começou a se esfregar nele, lábios que buscavam fazendo sons leves de sugar. Ele começou a se agitar quando não encontrou nada ali.

— Depois dos últimos dias, vou sentir falta dele como se fosse meu próprio filho. Mas ele precisa ser alimentado. — Ela olhou para Samambaia Vermelha. — Mulher Salgueiro me diz que você tem o leite, e o amor, para cuidar de outra criança. Todas as crianças são sagradas para os que cuidam deles, mas os deuses me disseram que a vida desse menino é importante para todas as pessoas dessa terra. Entende isso? Entende que por causa disso ele tem inimigos? Faremos tudo o que pudermos para proteger você e ele, mas você poderia estar em perigo. Está disposta a correr o risco e cuidar desta criança?

— Dê-me o menino — Samambaia Vermelha simplesmente disse, abrindo a capa de couro de corça que usava sobre a saia.

Debaixo, os seios cheios estavam nus. Conforme ela pegou o bebê nos braços, o leite começou a fluir. Um ajuste de especialista colocou um mamilo escuro na boca que procurava, e a mulher suspirou. Ela então olhou de novo para Anderle.

— A senhora fala a verdade, Sagrada. Todas as crianças um presente dos deuses. Isso eu digo para a senhora. Conforme dou meu leite para esse menino, ele se transforma em minha própria carne. Como se fosse meu, o protejo. Não posso fazer mais por nenhum bebê, não importa filho de quem.